

A verdade oculta na população sobre a biblioteca pública: solução para revisar seu papel*

SUZANA SPERRY **

Aborda a questão de que a Biblioteca Pública, revisando seus conceitos, poderia vir a situar-se entre as instituições líderes dos movimentos culturais do País. Sua interferência junto à população poderia contribuir para diminuir os efeitos da massificação promovida pelos meios de comunicação, que têm desestimulado a leitura e a escrita, restringindo os indivíduos à comunicação oral e ao isolamento. Sugere a hipótese de que a razão da perda de terreno em relação aos meios de comunicação possa estar ligada ao afastamento dessa Instituição do público que poderia transformar-se em seu usuário. Afastando-se, perdeu oportunidades de observar a verdade sobre esse público, e de produzir ações que despertassem seu interesse. Supõe também, que a Biblioteca Pública deveria bucar o ângulo correto e os instrumentos necessários para fazer aparecer

-
- * Apresentado no Simpósio "Biblioteca e Desenvolvimento Cultural", promovido pela Câmara Brasileira do Livro e pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, São Paulo, 29 a 31 de agosto de 1992.
 - ** Msc. em Sociologia e Bsc. em Biblioteconomia e Documentação. Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA-CPAC). Caixa Postal 08-223, 73.301-970 Planaltina-DF.

a verdade que se encontra no seio da população. Isto é, para encontrar os instrumentos adequados de análise, para estabelecer diagnósticos para interpretar resistências e avaliar discursos dos indivíduos, os bibliotecários deveriam sair da sombra, colocando-se fora dos muros da Biblioteca e junto ao povo, para escutá-lo. Essa atitude permitiria aos indivíduos o direito de dizer a sua palavra. Os bibliotecários, "escutando", "falariam com eles" e deixariam de lado o seu discurso autoritário, que pode ter contribuído para obscurecer a verdade sobre a questão, e para afastá-los de seus movimentos.

Se a freqüência às bibliotecas públicas vem decrescendo nos últimos anos, supõe-se que as soluções que estancassem esse fenômeno, deveriam ser buscadas nos motivos de sua ocorrência, pois provavelmente, o conhecimento dos mesmos ajudaria a resolvê-los.

Quais seriam então as razões da perda de terreno das bibliotecas públicas? Novos movimentos de educação, informação, lazer e cultura realizados por elas alcançariam sucesso junto à população? Poderiam, através de suas ações, minorar os efeitos da massificação cultural provocados pelos atuais meios de comunicação de massa?

Questões como essas deveriam ser motivo de preocupação e debate não apenas entre as autoridades bibliotecárias e o Estado mas, e essencialmente, entre eles e a população, a maior interessada nos resultados desse serviço público. Para descobrir porque perderam terreno ou se teriam capacidade de recuperá-lo e ganhar novos espaços, e ainda se poderiam competir com os meios de comunicação de massa para minorar os seus efeitos e para liderar movimentos culturais no País, seria necessário dialogar com a população, o que não tem ocorrido.

Até o momento, os bibliotecários e o poder público têm falado pelo povo quando preparam planos e estabelecem objetivos, estratégias e mecanismos de atuação, controle e avaliação dos serviços prestados pelas bibliotecas públicas. Ao não permitir que o povo fale, perderam a oportunidade de ouvir a voz dos que são ou que poderiam ser seus usuários.

“Enquanto educadores devemos reconhecer nos outros o direito de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los: escutá-los, no sentido de falar com eles, enquanto que apenas falar a eles seria uma forma de não ouvi-los.” (Freire 1991, p. 26).

Para alcançar resultados que beneficiassem ambos os lados, ou seja, orientar o leitor, ao mesmo tempo, absorver críticas que nos orientassem:

“Temos que assumir a ingenuidade dos educadores, para poder com eles superá-la, pois estando num lado da rua, ninguém estará no outro, a não ser atravessando a rua. Se estou do lado de cá, não posso chegar ao lado de lá, partindo de lá para cá. Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos estão tendo de sua própria realidade. Mas assumir a ingenuidade dos educadores demanda de nós a humildade necessária para assumir também a sua criticidade, superando, com ela, a nossa ingenuidade também” (idem, op. cit.).

Se fosse dado ao povo o direito de opinar sobre as bibliotecas públicas, constatar-se-ia que ele tem uma teoria sobre a questão, um contra-discurso constituído, uma verdade, que poderia nortear bibliotecários e poder público na busca dos recursos estratégicos que lhes faltam.

Sobre esse ponto, poderia ser feita uma analogia a uma das observações de DELEUZE (citado por FOUCAULT 1979 p. 72) quando afirma que:

“Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões fossem ouvidos, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino.”

Supõe-se que é o que está faltando atualmente às bibliotecas públicas: uma explosão, no bom sentido, desencadeada pelos protestos e pelas questões colocadas por seus leitores que redundariam na revisão dos conceitos dessas instituições. E nessa explosão, o papel do bibliotecário.

“não seria mais o de se colocar um pouco a frente ou um pouco ao lado para dizer a muda verdade, seria o de lutar para uma tomada de consciência junto ao povo, e não na retaguarda.” (FOUCAULT 1979 p. 71).

Pode-se afirmar, com base na experiência, que os bibliotecários têm mostrado relutância em aceitar que os leitores também tenham um saber sobre questões bibliotecárias, tendem a resistir por não quererem abrir mão da relação de domínio que exercem sobre a clientela. Essa resistência pode estar obscurecendo a verdade oculta entre os leitores (ou futuros prováveis leitores). Se esse comportamento não se modificar, o conjunto de pequenas verdades inaparentes, que compõem o seu discurso, inevitavelmente se perderá.

Na opinião de uma das Diretoras das bibliotecas públicas entrevistadas antes deste trabalho, a resistência é o ponto crucial da questão. Segundo ela, as posições

de contato direto com o usuário, tanto nas bibliotecas ramais, como nas setoriais ou na biblioteca que dirige, são ocupadas por profissionais jovens ou recém-contratados, e mesmo estes, relutam em acompanhar os bibliônibus e prestar serviços junto às vilas da periferia, porque aos bibliotecários mais antigos e aos mais graduados, competem tradicionalmente as posições "mais dignas", como a do processamento do acervo e não as de atendimento ao público. Nessas entrevistas, constatou-se também que a aquisição de livros está congelada há quase dez anos e que as novas aquisições apenas têm ingressado no acervo através de doações ou por aquisição com a utilização de fundos provenientes de multas cobradas aos leitores.

Não é o objetivo deste trabalho entrar no mérito dessas questões, mas é evidente que elas seriam pontos importantes a ser considerados caso houve ambiente para a "explosão" referida há pouco.

A proposta seria, então, que os bibliotecários se colocassem no lugar dos leitores, entre eles e deixassem de falar por eles, ou de se colocar mentalmente em seu papel como vêm inconscientemente fazendo. Vimos recentemente um filme norte-americano que mostrou um bom exemplo de como essa ação poderia ser colocada em prática: um cirurgião após viver o papel de paciente ao ser internado no próprio hospital onde atuava e de sofrer a pressão das relações de domínio do corpo hospitalar sobre si, descobrir as verdades inaparentes que encobriam o discurso hospitalar e passou a recomendar aos médicos internos, candidatos a cirurgões, um internamento obrigatório de 48 horas como pacientes desse hospital.

Pessoalmente, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência semelhante. Há três anos, quando assumi a condição de usuária de uma biblioteca especializada,

encontrei-me diante de uma situação insólita: como encontrar os livros diante de uma lógica que me parecia completamente ilógica?

Sofri então a pressão de domínio do pessoal encarregado do atendimento ao público, a ponto de descobrir que seria impraticável acessar o material, não só pela minha falta de conhecimento sobre como fazê-lo, mas também porque o material não existia na biblioteca, na opinião desse pessoal. Os livros foram finalmente localizados, quando consegui acessar o escalão mais alto da hierarquia bibliotecária, que gentilmente os identificou dentro de um arranjo provisório do acervo. Infelizmente, como não retornei ao papel de bibliotecária, ainda não tive a oportunidade de aplicar meus conhecimentos sobre a verdade constatada durante esse episódio, como aquele médico.

A propósito da questão da busca da verdade, Michel FOUCAULT (1979 p. 113), afirmou que a verdade.

“como relâmpago, não nos espera onde temos a paciência de emboscá-la e a habilidade de surpreendê-la, mas tem instantes próprios, lugares privilegiados, não só para sair da sombra como para realmente se produzir.”

Se a verdade reside em espaços determinados e não onde nos colocamos para melhor observá-la, nós, enquanto bibliotecários, deixaremos de identificá-la se continuarmos por tras dos muros das bibliotecas, onde nos encontramos há tantos anos. Para fazê-la aparecer, devemos sair da sombra, “achar a boa perspectiva, o ângulo correto e os instrumentos necessários”.

Entretanto, quais seriam as fórmulas para ultrapassar esses muros e nos colocarmos ao lado dos e entre os leitores? Essas conduziram a algumas das “ver-

dades" a serem descobertas pelos bibliotecários no diálogo a ser estabelecido com o povo.

Se a boa perspectiva, o ângulo correto e os instrumentos necessários, ao menos para atingir o povo, já foram encontrados pelos que manipulam os meios de comunicação, uma das estratégias para igualá-los ou superá-los, seria a de imitá-los em sua positividade. Através da manipulação desses meios foi desenvolvida uma cultura de massa na parte média e no extremo inferior da sociedade. Na parte superior, as elites converteram-se em manipuladores políticos e empresariais que respondem constantemente a pressões a curto prazo. Não conseguindo manter os padrões, encorajam a difusão do gosto massificado em cultura.

Como afirma COHN (1987 p. 260-1),

"é uma pena que os estudiosos dos mídia que melhor conhecem a comunicação não sejam sensíveis ideologicamente e mais preocupados com as características gerais da sociedade, pois eles achariam o caminho a seguir, neste caso, com mais facilidade do que nós."

A propósito do fenômeno da comunicação de massa, representado pelas telenovelas brasileiras, o educador canadense Peter MC LAREN,³ em palestra apresentada em agosto de 1992, em Porto Alegre, perguntou se possuíamos cursos que ensinassem como interpretar as novelas e que possibilitassem avaliar o impacto dessas formas de comunicação na cultura de cada indivíduo.

3. MC LAREN, P. Subjetivo e violência epistêmica. Palestra apresentada na 2ª jornada de estudos epistêmicos, em Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 12 de agosto de 1992.

O oferecimento de cursos que proporcionassem essa possibilidade poderia ser uma das idéias para dar início à aproximação: orientar a parte média e a extremidade inferior da sociedade, manipuladas pelos meios de comunicação a "reinscrever-se" ou "reinventar-se", como recomenda aquele educador, para ajudá-las a reformar, ou transformar e a interpretar os modelos aos quais essa sociedade está sendo submetida, o que serviria para atenuar os efeitos da massificação.

Outra sugestão, poderia ser a de se utilizarem os recursos da própria comunicação de massa, como os que já estão sendo postos em prática pelos estudiosos dos mídia. Por exemplo, um dos programas da TV Globo, no qual os comunicadores saíram dos estúdios e foram para as ruas jogar com as emoções do povo em contatos diretos. Esse recurso foi baseado em uma série de livros de bolso para crianças, com o mesmo nome "**E agora você decide**", conta estórias, chamadas por eles de "enrola", nas quais para cada uma apresentam-se diversos fins. O mesmo recurso já havia sido utilizado antes por um jornal carioca, que promoveu um intercâmbio entre escritores brasileiros e portugueses, publicando uma novela com capítulos continuados de um autor para outro.

Portanto, não estaríamos cometendo plágio se adaptássemos uma variação sobre o mesmo tema e fôssemos para a rua aplicar um trabalho de animação bilateral, no qual se começasse distribuindo livros sem o capítulo final para discutir opiniões com os leitores e só em um segundo momento, discutir o fim original, procurando fazer um paralelo entre a imaginação do povo e a do autor. O "pulo do gato" ensinado pelos técnicos em comunicação da televisão foi, além de jogar com as emoções do povo e de envolvê-lo na trama da história,

o de fazer contato direto com o público nos locais onde ele se encontra.

Aproveitando ainda as estratégias recomendadas pela comunicação de massa, os bibliotecários poderiam lançar mão do fluxo de comunicação em dois tempos, isto é, utilizar os líderes de opinião para algumas de suas atividades. Adestrando adequadamente leitores com características de liderança, poderiam multiplicar o âmbito de abrangência das ações dos profissionais das bibliotecas públicas e atingir um número maior de futuros leitores.

A característica heterodirigida dos indivíduos expostos à comunicação de massa, que corresponde à ênfase ao consumo, também poderia ser explorada. Se o indivíduo heterodirigido

“é uma pessoa mais preocupada com a opinião que os outros formam a seu respeito do que com o seu desenvolvimento próprio” (COHN 1973 p. 90),

uma fórmula para levá-lo a adquirir hábitos de leitura poderia ser a de observar outros indivíduos que já possuíssem esse hábito, isto é, montando bibliotecas ao ar livre para os que já leem serem vistos e imitados pelos demais.

Paulo FREIRE (1991 p. 32), ao referir-se aos efeitos da massificação, afirma que

“o povão está permanentemente exposto às idéias exóticas e que precisa ser defendido”, pois “do ponto de vista autoritariamente elitista, a sabedoria popular não existe; nem suas manifestações autênticas de cultura; a memória de suas lutas deve ser esquecida, ou suas lutas contadas de maneira diferente.”

Sugerem-se outras estratégias que poderiam ser aproveitadas pelas bibliotecas públicas como mecanismos de aproximação com o povo: o levantamento de histórias de vida dos indivíduos, de suas lutas, de fatos do cotidiano, de espaços geográficos, dentre outros, que poderiam servir não apenas como estratégias de aproximação, entre o povo e a biblioteca, mas como reservatórios de dados para a constituição de acervos históricos, que além dessa função, ajudariam a aproximar os indivíduos de diferentes regiões pois, histórias contadas pelo próprio povo despertam um grande interesse em toda a população.

Enfim, a revisão dos conceitos de biblioteca pública através dessas estratégias visaria à produção dos instrumentos necessários para fazer aparecer a verdade que se encontra no seio da população, o que lhes permitiria estabelecer diagnósticos, interpretar resistências e avaliar os discursos dos indivíduos, com o objetivo de diminuir os efeitos da massificação promovida pelos meios de comunicação, que têm desestimulado a leitura e a escrita, restringindo os indivíduos a comunicação oral e ao isolamento.

Sabe-se que a capacidade de ler introduz no agrupamento humano uma dimensão nova: ajuda a refletir e não se pode refletir sem os instrumentos que ensinam como fazê-lo — os livros — (instrumentos que fazem desacelerar a oralidade e a instantaneidade dos meios de comunicação). Se o ensino do manuseio dos livros é atribuição de bibliotecários e de educadores, cabe a eles e às suas instituições providenciar a integração entre os livros e os indivíduos.

No entanto, sabe-se também que hábitos de leitura não são aprendidos na escola, “são um reflexo de um padrão cultural difundido e democratizado em função da distribuição do produto social em cada sociedade” (MELO,

1982, p. 239-83). Cabe, portanto, às bibliotecas públicas providenciar a disponibilidade desse produto nos locais onde estiverem instaladas.

Os bibliotecários, educadores e demais profissionais ligados ao aparelho de informação

“têm o saber que lhes dá a leitura de determinado número de livros aos quais as outras pessoas não têm acesso direto. Assim, seu papel não é formar a consciência do povo, que já existe, mas permitir que essa consciência, esse saber entre no sistema de informação, se difunda e, por conseguinte, ajude outros indivíduos que de outro modo não tomariam consciência do que acontece” (FOUCAULT 1990 p. 234-5).

Conhecedora do entusiasmo dos colegas das bibliotecas públicas e das restrições políticas e econômicas que têm enfrentado nos últimos anos, e que têm impedido grande parte de suas manifestações em prol da revisão de conceitos que beneficiem seus usuários, para concluir, faço minhas as palavras de estímulo de Paulo FREIRE (1991 p. 28):

“É preciso que a educação dê cerne e espírito ao modelo de ser humano virtuoso que, então, instaurará uma sociedade justa e bela. Nada poderá ser feito antes que uma geração inteira de gente boa e justa assuma a tarefa de criar a sociedade ideal. Enquanto essa geração não surge, algumas obras assistenciais e humanitárias são realizadas, com as quais se pode inclusive ajudar o projeto maior”.

The hidden truth among people about public libraries: a solution to revise its role in society

The fact that the Public Library, revising its concepts, could be one of the leading cultural movements of the country has already been discussed. Its interference with the population could contribute to diminish the effects of the massification promoted by the means of communication, that have slowed down reading and writing, restricting people to oral communication and loneliness. It had been suggested that the reason of the loss of power, comparing with other means of communication, can be related to the distance this institution took with relation to the people that could become its users. Getting away from them, the public library missed the opportunity it had to watch the truth about this public, and to act in a way to wake him up. It also appears that the Public Library should look for the accurate angle and the right tools to get the truth out from the people. That is to say it seems that in order to find these right tools for analysis, to diagnose, to interpret resistance and evaluate people arguments (the future users), librarians will have to get out the dark, to go outside libraries and get close to the people to "listen to" them. This could enable people to have the right to talk. Librarians, listening to them, would "talk with them", forgetting then their authoritarian attitude that might have been one of the reasons why the truth has been hidden among people concerning the Public Library, and why the public keeps away from it.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CONN, G. *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973. p. 63-97: A dimensão social: a sociedade de massa.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295 p.
- FOUCAULT, M. *Uma biografia por Didier Eribon*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 351 p.

FREIRE, A. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1991. p. 80.

MC LAREN, P. **Subjetividade e violência epistêmica.** Palestra apresentada na II Jornada de Estudos Pedagógicos. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 12 de agosto de 1992.

MELO, J. M. de. Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11, João Pessoa 1982. **Anais...** João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. p. 239-83.

WILENSKY, H. L. Sociedade de massa e cultura de massa. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural.** 5. ed. São Paulo: Queroz, 1987. p. 257-86.